

Contribuições da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Dourados – no enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes: a experiência do curso de enfermagem

Contributions from the State University of Mato Grosso do Sul – Dourados to facing violence against children and adolescents: the Nursing School experience

Introdução

A violência contra crianças e adolescentes acompanha a trajetória humana das relações sociais, sobretudo, familiares.¹ Os exemplos de violência praticados contra a infância estão presentes na História, na Mitologia, na Antropologia e nos Processos Religiosos.² Hoje, vive-se em meio à miséria, ao desemprego, às guerras, ao terrorismo, aos preconceitos, aos noticiários cotidianos banalizadores da violência. Essa situação mundial, aliada à acentuada desigualdade social, gera, por consequência, a violência.³

Para prevenir e combater essa violência desenvolveu-se, no país, o Programa de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes – Programa Sentinela – que teve início em 2001, oferecendo atendimentos especializados a crianças e adolescentes abusados e explorados sexualmente.

O Programa Sentinela configura-se, hoje, como uma política da Assistência Social que compõe o Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS. Cumpre parte das atividades do eixo do atendimento previsto no Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra crianças e adolescentes, além de atender à configuração da rede de proteção prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e na Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS. Nesse contexto, a universidade foi convidada a participar.

Este artigo relata a experiência vivenciada na parceria entre a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS e a Prefeitura Municipal de Dourados, por meio do Projeto de Extensão “Educação em Saúde: Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil, Programa Sentinela,

Simone de Deus Anzoategui¹,
Ednéia Albino Nunes Cerchiarí²,
Cássia Barbosa Reis³

Resumo

A violência contra crianças e adolescentes é um acentuado problema de saúde pública, que requer ações dos profissionais dessa área. Tendo em vista essa necessidade, este trabalho tem o objetivo de, por meio da participação no Programa de Saúde do Município de Dourados-MS, efetivar atividades de prevenção de doenças e de promoção de saúde para crianças e adolescentes atendidas no Programa Sentinela; proporcionar ao acadêmico de enfermagem o desenvolvimento de competências e habilidades para atuação junto a essa população. Utilizou-se a modalidade de Grupo Operativo cuja técnica está centrada na tarefa e na escuta psicológica. Foram realizados 18 encontros com frequência média de 15 pessoas. Os participantes foram crianças e adolescentes de cinco a 11 anos e de 12 a 16 anos, respectivamente, do sexo feminino, frequentadoras da escola e, algumas, institucionalizadas no Abrigo Renascer. O Projeto envolveu quatro profissionais e uma acadêmica de Enfermagem. Os resultados apontam para a relevância dos temas abordados para essas crianças e adolescentes fragilizados pela situação de violência. Assim, o poder público, ao colocar a universidade no centro dos problemas sociais, contribui para a reflexão sobre violência com crianças e adolescentes e para o desafio de utilizar todo conhecimento científico para compreensão e combate desse grave problema social.

Palavras-chaves: adolescente, abuso sexual, violência, educação em saúde.

Área: Saúde

Linha da Extensão: Infância e Adolescência

¹ Enfermeira. Especialista em Saúde do Trabalhador e Enfermeira da Estratégia de Saúde da Família, no Município de Nioaque – MS. symonededeus@hotmail.com.

² Psicóloga. Psicanalista. Doutora em Ciências Médicas (FCM/UNICAMP). Docente do Curso de Enfermagem – UEMS. edcer@terra.com.br.

³ Enfermeira, Doutoranda em Doenças Infecciosas e Parasitárias (UFMS). Docente do Curso de Enfermagem – UEMS.cássia@uemms.br.

Dourados – MS”, desenvolvido no ano de 2007 e contemplado com Bolsa de Extensão à primeira autora, no Edital PROEC/UEMS/2007.

Propôs-se, como objetivo para o projeto, desenvolver ações de educação em saúde, de forma a atender às necessidades do Programa Sentinela, propiciando ao acadêmico de enfermagem o desenvolvimento de competências e habilidades para atuação junto à população selecionada.

Metodologia

Para a realização das atividades utilizou-se a modalidade psicológica de Grupo Operativo. A técnica desses grupos operativos está centrada na tarefa e na escuta, por meio do que teoria e prática se resolvem em uma práxis permanente e concreta no “aqui e agora”.⁴

Com a finalidade de facilitar a comunicação e exposição dos conteúdos teóricos foram utilizadas técnicas de dinâmica de grupo,^{5,6,7,8} intercaladas de relato pessoal (mural de desabafo, rodada de sentimentos e painel circular).

A fundamentação teórica abordou os seguintes temas: Meio Ambiente e Saúde, Poluição, Tipos de lixo e Reciclagem, Higiene Pessoal e do Ambiente, Sistema Reprodutor Feminino e Masculino, Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS, Fisiologia da Gravidez, Métodos Contraceptivos, Gravidez na Adolescência, Drogas, Abuso Sexual. Esses temas eram do interesse da Coordenação do Programa Sentinela e da população atendida pelo programa.

Os grupos mostraram-se operativos uma vez que os participantes operavam sobre a mobilização num triplo aspecto: pensamento, sentimento e ação. Os coordenadores desses grupos ajudavam por meio de intervenções interpretativas e relevantes para que houvesse a internalização reflexiva que conduzisse à consciência e enfrentamento dos obstáculos sofridos pela violência.

Um tema solicitado pelas adolescentes integrantes do projeto foi o abuso sexual. O encontro destinado à abordagem desse tema foi coordenado pela orientadora do projeto, psicóloga e psicanalista, e teve como objetivo propiciar, às adolescentes, um “espaço analítico” no qual pudessem expressar suas dores, seus limites e suas possibilidades de ação através da fala.

Os encontros foram realizados semanalmente, no período de março a dezembro de 2007, com um grupo de crianças e dois grupos de adolescentes, vítimas de violência, todos assistidos no Centro de Referência Especializada da Assistência Social.

As adolescentes participantes do projeto pertenciam a dois grupos diferentes, ambos assistidos pelo Programa Sentinela, relacionados à vitimação por violência. O primeiro grupo, entretanto, era de adolescentes que residiam com familiares e frequentavam o Programa, semanalmente, para assistência especializada e participação no projeto. O segundo constituía-se de adolescentes residentes no Abrigo Renascer, que se achavam afastadas da família por determinação judicial.

Resultados

Foram realizados 18 encontros: 02 com a Coordenação do Programa, 04 com as crianças, 06 com o grupo de adolescentes institucionalizadas e 06 com as adolescentes que participavam das atividades do programa, mas que residiam com os pais. Participaram diretamente do projeto 04 profissionais – 01 psicóloga, 01 assistente social, 01 educadora e 01 enfermeira, além da estudante de enfermagem que coordenou as atividades do projeto, supervisionada por uma psicóloga e uma enfermeira orientadoras do projeto.

A média de participantes por encontro foi de 15 pessoas cuja faixa etária compreendia crianças de cinco a 11 anos de idade e adolescentes de 12 a 16 anos; todas eram do sexo feminino, frequentavam a escola, mesmo aquelas institucionalizadas no Abrigo. O número de adolescentes no grupo das residentes do Abrigo variou bastante durante o projeto em razão do regime de internato.

O encerramento do Projeto foi marcado por uma festa conjunta com a Secretaria Municipal de Assistência Social, por ocasião do encerramento de suas atividades anuais. Todos os grupos participantes do Projeto foram convidados e as adolescentes fizeram a apresentação cultural do evento.

Discussão

Nos encontros iniciais com as crianças e adolescentes observou-se hostilidade e agressividade, tanto com as extensionistas quanto entre elas mesmas. Esse comportamento tem origem nas agressões físicas sofridas, no abandono, na negligência,

no abuso sexual e nos maus-tratos psicológicos vivenciados por essas crianças. É, provavelmente, uma forma relacional baseada na identificação com o agressor, frente a um mundo interno e externo de hostilidade, sem desconsiderar o que seriam as transmissões transgeracionais.

De acordo com Amendoeira⁹, nesses casos, existem padrões estruturados de impulsos, ansiedades e defesas primitivas, como a cisão e a identificação projetiva, que fixam a personalidade em algum ponto de equilíbrio precário alcançado, o qual é fortemente defendido por permitir a evasão das sensações de perda, de caos e de desintegração do “eu”.

Isso se reflete na formação da identidade sexual que, segundo Outeiral¹⁰, adquire sua estrutura definitiva na adolescência, visto que é nessa fase que ocorre a passagem da bissexualidade (infantil) para a heterossexualidade (adulta), significando uma vivência importante tanto para o social como para o mundo interno do adolescente. Assim, há grande necessidade de se discutirem assuntos pertinentes aos indivíduos que se encontram nessa fase, buscando a definição de sua identidade, bem como a exclusão de conceitos errôneos apreendidos no dia-a-dia.

Através das discussões, percebeu-se que o contato sexual que as meninas tiveram interferiu na formação de sua identidade sexual. Dessa forma, as dúvidas apresentadas, os relatos e as opiniões surpreendiam, pois apesar de em alguns momentos estarem associadas a conceitos errôneos, elas demonstravam-se “entendidas” a respeito dos temas.

É de se ressaltar a liberdade que as adolescentes tinham para se exporem, espontaneamente, revelando seus medos, seus preconceitos e se abrindo ao diálogo, proporcionando um rico espaço de discussão e reflexão acerca da sexualidade na adolescência. Uma das razões encontradas para que assim ocorresse seria o direcionamento dos encontros por estudantes universitárias, com pouca diferença de idade, com algumas vivências em comum (por exemplo: namoros, diversões entre outros) e que procuravam sempre ter uma posição de troca de informações e não de imposições.

As discussões contribuíram para um autocohecimento, enriquecendo o conteúdo e modificando os conceitos errôneos trazidos pelas adolescentes.

Considerando-se que o profissional de saúde deve estar envolvido com qualquer problema que atinja o bem-estar físico, psíquico e social da população, é de relevante importância a realização de ações de saúde por meio de palestras educativas, bem como discussões e orientações preventivas a essas crianças e adolescentes que, devido ao contexto em que vivem, tornam-se mais vulneráveis a certas práticas que podem ser prejudiciais à sua qualidade de vida, como por exemplo, a prostituição, drogas, dificuldades no relacionamento familiar entre outros.

Assim, o projeto proporcionou uma experiência enriquecedora na qual o enfermeiro foi visto como educador e cuidador. Tomeleri et al¹¹ discutem a concepção de cuidado na categoria educação e observam que o comportamento educativo adotado pela enfermagem ainda reflete a sua formação positivista, com ações unilaterais e arbitrárias. Este projeto mostrou que os sujeitos da ação são detentores de saber empírico que precisa ser acolhido, respeitado e transformado. As ações de prevenção devem ser feitas por meio de discussões e orientações para as adolescentes atingidas, de alguma forma, pela violência.

Os resultados obtidos mostram que os temas abordados são relevantes e revelam uma preocupação da Universidade com os problemas sociais.

Conclusões

A violência é reconhecida, atualmente, como um problema que mobiliza a atuação das diversas instituições, governamentais ou não-governamentais, envolvidas com a promoção da saúde pública. É necessário que se entenda a origem desse problema nas camadas mais atingidas, para que possam ser realizadas ações que revertam a situação atual – a violência ocorre intensa e diariamente e a população, em geral, desconhece ou acaba por se acomodar e considerar natural que aconteça.

Ao se refletir acerca dos problemas da população atendida pelo Programa Sentinela, inserida em uma situação de desigualdade social e de violência, reconhece-se a importância de a universidade e de o profissional da saúde partirem para o enfrentamento desses problemas.

Pôde-se perceber, com a consecução deste projeto, que a saúde pública, ao colocar a univer-

cidade no centro dos problemas sociais, contribui para que esta seja desafiada a utilizar todo conhecimento científico para compreensão e combate desse grave problema de saúde pública – a violência contra crianças e adolescentes. O momento é propício e, na visão das autoras, essa pode ser uma responsabilidade de acadêmicos e professores envolvidos na extensão universitária.

Referências

1. ASSIS, S.G., et al. Violência e representação social na adolescência no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Publica*. Washington, v.16, n.1, p.43-51, jul. 2004.
2. ALGERI, S.; SOUZA, L.M. Violência Contra Crianças e Adolescentes: Um Desafio no Cotidiano da Equipe de Enfermagem. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. Ribeirão Preto, v.14, n.4, p.625-31, jul./ago. 2006.
3. ALGERI, S. **Caracterização de famílias de crianças em situação de violência intrafamiliar**. Dissertação. Escola de Enfermagem/UFRGS. Porto Alegre, RS, 2001.
4. PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O Processo Grupal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, 181p.
5. FRITZEN, S. J. **Exercícios Práticos de Dinâmica de Grupos**. 9.ed. v. 2, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986, 92p.
6. _____. **Exercícios Práticos de Dinâmica de Grupos**. 10 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987, 85p.
7. MACIAN, L. M. **Treinamento e Desenvolvimento de Recursos Humanos**. Temas Básicos de Educação e Ensino. São Paulo: EPU. 1987, 128p.
8. YOZO, R. Y. K. **100 Jogos para grupos. Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas**. São Paulo: Ágora, 1996, 196p.
9. AMENDOEIRA, W. Dor psíquica. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, v.33, n.3, p.545-53, jul./ago.1999.
10. OUTEIRAL, J. **Adolescência: características do desenvolvimento e psicose**, 2003. Disponível em <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/5277_4.PDF?NrOcoSis=13923&CdLinPrg=pt> Acesso em 05 fev. 2009.
11. TOMELERI, K. R.; ANDRADE, B. B.; SANTOS, M. E. S.; MAI, L. D.; MARCON, S. S. Concepções de enfermeiros de saúde pública sobre o cuidado. *Online Brazilian Journal of Nursing*, Rio de Janeiro, v.6, n.3, p.223-34, set./nov. 2007.

Abstract

Violence against children and adolescents is an issue for public health and, as such, requires actions from professionals from this area of expertise. Bearing this need in mind, the purpose of this work is: 1. to put into practice activities that prevent diseases and that promote the health of the children and adolescents who are taken care of by the **Programa Sentinela**; 2. to provide nursing students with key competencies and abilities for the work with the same group of people. In order to achieve these aims, the Operative Group technique, which focuses on the task and on psychological support, was used. 18 meetings attended by 15 people, on average, were held. Participants were girl-students, children and adolescents, with ages ranging from 5 to 11 and from 12 to 16 years old. Some participants were cared for in a children's home – **Abrigo Renascer**. Four professional nurses and a nursing student took part in the project. Results show the relevance of the topics for the children and adolescents who suffer violence. Therefore, by placing the university amidst social problems, the government contributes to the discussion of violence by the children and adolescents who suffer it and to the use of scientific knowledge for a better understanding and fight against this serious social problem.

Keywords: Adolescent, sexual abuse, violence, education in health.